

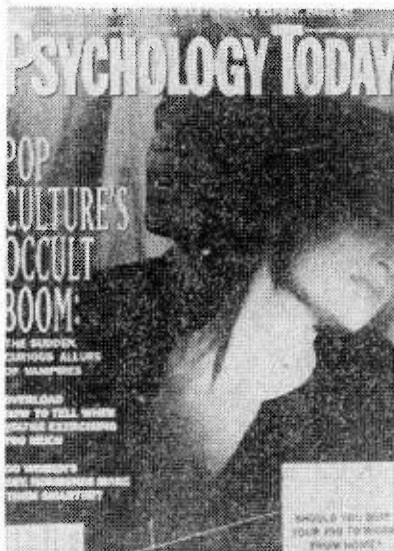
Vampiros aparecem ao meio-dia

LINA DE ALBUQUERQUE

O horário não poderia ser menos apropriado. Ao meio-dia de ontem, o antropólogo Renato da Silva Queiroz subiu ao palco do auditório da Biblioteca Mário de Andrade para falar sobre vampirismo. Aguardava-o uma pequena platéia de jovens, aposentados e desocupados. Durante uma hora, Queiroz seguiu os passos do dentuço personagem de garras afiadas e as suas transformações pela cultura. Compareceram à sua exposição desde os primeiros dráculas da Idade Média — a designação “vampiro” vem do eslavo medieval e quer dizer “o morto que anda” — até encarnações contemporâneas.

O vampiro brasileiro também foi convidado: ele é o saci-pererê, o monstrengo perneita que ataca os cavalos de madrugada. É também o lobisomem geralmente encarnado pelo pobre caipira de pele amarelada que não tem saúde suficiente para trabalhar. Ou ainda a entidade do “corpo seco”, uma figura perversa jamais absorvida pela terra e louca para assustar os caboclos pelas encruzilhadas.

“Os mitos são redefinidos de acordo com os contextos sociais”, assinalou o antropólogo. Para iniciar a sua palestra, ele não recorreu ao clássico livro *Drácula*, escrito em 1887 por um autor que ficou de fora de quase todas as enciclopédias e biografias oficiais da literatura: o americano Bram Stoker. Queiroz preferiu a companhia do personagem do filme *Amor à primeira mordida*, de Stan Dragoti, onde o faminto drácula invade um cortiço de Nova York e qua-



Vampiros na *Psychology*

se vira sopa dos seus igualmente esfomeados moradores portoriquenhos.

PRAZERES

A lenda do vampiro, acredita o antropólogo, pode ter origem eslava: esse povo espalhou pela Idade Média afora histórias de mortos que não conseguiam desistir dos prazeres mundanos, pois não os gozaram suficientemente em vida. Os seus cadáveres nunca se putrefaziam e eles aproveitavam as horas noturnas para atacar os pescos dos vivos. Recentemente, essa criatura, que não resiste à luz do sol, ao crucifixo e ao alho, mereceu até uma interpretação marxista: o professor Flávio Aguiar, do departamento de Letras da USP, escreveu um ensaio chamado “A mais sangria”, em que associa a figura do monstro aristocrata ao do explorador e sanguessuga capitalista.

Revista americana estuda o fenômeno

A revista americana *Psychology Today* do mês passado dedicou uma capa ao boom do vampirismo na cultura moderna. A reportagem intitulada “A vampiromania na idade do computador” procurou responder por que esse mito exerce tamanho fascínio sobre a nova geração. “Trata-se da fome pelo maravilhoso”, arriscou o padre-sociólogo Andrew Greeley, da Universidade de Chicago.

Uma recente pesquisa da Universidade do Estado da Califórnia revelou que 27% de 574 adolescentes entrevistados não descartavam a possibilidade de os vampiros existirem. Na opinião de Stephen Martin, editor do jornal *Quadrant*, da C. G. Jung Foundation, “os dráculas saciam uma necessidade inconsciente não atendida pela sociedade tecnológica, racional”. Atualmente mais sexies — como a dupla David Bowie e Catherine Deneuve no filme *Fome de Viver* — os vampiros são tremendamente humanos. “Sou apaixonada por esses personagens trágicos e solitários que querem ser bons sendo maus”, diz a escritora vampiresca Anne Rice.

Há muitas explicações para o aparecimento desses monstros. Há quatro anos, no entanto, David Dolphin, um bioquímico americano, afirmou que a origem do vampirismo está numa disfunção genética conhecida como “porfíria”, cujas vítimas aliviam a sua agonia bebendo sangue. Como na Idade Média não havia tratamento para esse mal, é provável que procrassem instintivamente o sangue humano ou animal.